

APRESENTAÇÃO

*For the gods aren't men, they get on well together,
holding a hurricane party in their cloud-house,
and what brings the gods close is the thunderous weather,
where Ogun can fire one with his partner Zeus¹.*

Derek Walcott, poeta antilhano e ganhador do *Nobel* de Literatura de 1992, escreveu *Omeros*, de onde foi tomada a epígrafe desta apresentação, em 1990. No extenso e ambicioso poema épico, canta “our wide country, the Caribbean Sea”, como, em *A Iliada*, Homero cantou uma vez povos e linhagens do mar Egeu. A pátria grande dos caribenhos é o Mar do Caribe, suas ilhas e seus arquipélagos, os povos e as pátrias diversas que a constituem. O mar é o laço comum. Com Homero, Poe, Mayakovsky; mas fundamentalmente com Homero, com o mar e as ilhas tece Walcott seu poema e a saga dos povos caribenhos entre pescadores e tempestades, entre desastres naturais e sociais, entre contínua luta e resistência. É estação de furacões, no capítulo IX do Livro I: Ogun e Zeus se divertem numa festa.

Em 2006, Daniel Maximin, poeta, romancista e ensaísta de Guadalupe, publicou *Les fruits du cyclone. Pour une géopoétique de la Caraïbe*.² Nele também, a presença das forças mais destrutivas da natureza caribenha -tremores de terra, ciclones, erupções vulcânicas- junta-se aos desastres políticos, à predação ecológica, à exploração, escravidão, colonização, a pressões para impor uma uniformização identitária. O primeiro é metáfora do segundo: Maximin parte de fenômenos naturais para refletir sobre as Antilhas e o ser antilhano. Toma as vozes de seu texto da história, da geografia, literatura, música, dança, das artes plásticas e da cozinha caribenhas; toma-as de todas as origens e nas suas amálgamas, já que foram precisos “quatre continents pour édifier une île”. Elemento insular e criação poética se equivalem nesta geopoética, na luta por fabricar, fora da matriz da exploração, uma celebração da vida.

¹ WALCOTT, Derek. *Omeros*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1990. p. 53.

² Paris: Seuil, 2006.

Caribe e América Central estão ligados pelo sul do istmo pela placa tectônica das Caraíbas. Em que pesem as claras diferenças históricas entre os países que formam o subcontinente, estes compartilham entre si violências naturais, históricas e sociais parecidas e procuram, da mesma forma, saídas vitais para elas. Terremotos são presença frequente na literatura centro-americana, de *Mulata de Tal*, do guatemalteco Miguel Ángel Asturias, Nobel de literatura de 1967, a *De un Dios cualquiera*³ (2012), do salvadoreño Mauricio Orellana. No primeiro, um terremoto que tudo destrói é também o começo da nova vida de Celestino; no segundo, encontramos Sergio preso por dois dias sob os destroços de um bordel depois de um terremoto. Depois da Revolução Cubana, o furacão, por sua vez, se transformaria em metáfora de movimentos e transformações político-sociais na historiografia sobre a região.

Frutos dos ciclones, das tempestades, dos terremotos; fazem parte da colheita as revoltas, as procuras e as experimentações; o pensamento e a ação descolonizadores de Ramón Emeterio Betances, Eugenio María de Hostos, José Martí, Antonio Maceo, Marcus Garvey, Arturo A. Schomburg, Gustavo Urrutia, Jacques Roumain, Édouard Glissant, Eric Williams, Kamau Brathwaite ou Sergio Ramírez; a poesia de um Nicolás Guillén, um Ernesto Cardenal ou um Aimé Césaire. Certamente, a escrita de Walcott e a de Maximin. Os deixamos neste número dos *Cadernos de Letras* com frutos recentes e estudos sobre eles.

Nos textos a seguir, o leitor poderá reconhecer a configuração de arquipélagos diversos, de acordo com as línguas prioritariamente utilizadas nos *corpora* de base de cada um deles, mas também, e sobretudo, nos anseios e nas potencialidades teóricas e metafóricas que fazem com que a produção de/ sobre o Caribe e a América Central nos ajudem a pensar, a partir do reconhecimento de uma comunidade de experiências históricas, não só as Américas mas também suas relações com outros continentes (notadamente a África e a Europa, mas não apenas elas).

Assim, os textos de nossos convidados, Anacristina Rossi e Juan Giusti, abrem *caderno* e debate desde a criação e a pesquisa, a ficção e a história, os sons e os sentidos da América Central e do Caribe. Com efeito, com “El ja-

³ Mauricio Orellana disponibiliza o romance gratuitamente em <http://es.scribd.com/doc/77693307/De-Un-Dios-Cualquiera-MAURICIO-ORELLANA-Novela>.

guar”, fragmento de romance inédito da escritora costa-riquenha Anacristina Rossi, nos introduzimos nos liames vegetais e simbólicos da floresta tropical.

Por sua vez, “Para além das revoluções açucareiras: repensando o Caribe espanhol nos séculos XVII e XVIII”, do historiador boricua Juan Giusti, desenvolve uma leitura crítica da historiografia consagrada sobre o Caribe, assinalando-lhe o caráter oblíquo (centrado no império anglo-saxão e no modo de produção da *plantation*) até hoje. Ao assumir uma perspectiva histórica mais abrangente, Giusti compara diversos processos históricos no complexo arquipélago e, paralelamente, põe em questão leituras acadêmicas hegemônicas que, ao homogeneizar temporalidades e aspectos peculiares dos diversos processos de colonização na zona caribenha (negligenciando outros, como, por exemplo, o contrabando), colaboram também no aprofundamento de um suposto abismo existente entre a experiência histórica caribenha e a de outras regiões da “terra firme”, como, por exemplo, a América Central e o Brasil.

O artigo de J. Manuel Gómez, a seguir, lança um olhar inusitado sobre o período colonial na região, ao debruçar-se não sobre as cartas, os diários e as crônicas dos conquistadores e viajantes (textos estes consagrados pela historiografia mais canônica), mas sobre os diários de outros visitantes assíduos: os piratas europeus.

Em contraponto contemporâneo com os gêneros do discurso consagrados nos primeiros tempos coloniais, Stella Maris Coser analisa a função que as cartas (no caso, anônimas) assumem na narrativa da escritora porto-riquenha Rosario Ferré.

Desde e sobre outra das Antilhas hispânicas, os textos de Irina Pacheco e Pedro Cubas se debruçam sobre os debates em torno da identidade cubana nas décadas posteriores à independência, dando especial atenção aos desafios colocados à inclusão dos afrodescendentes, e abrem o escopo desses debates ao traçar uma comparação com a situação contemporânea na metrópole neocolonial, os Estados Unidos.

Sob a tutela da mesma metrópole e encerrando o segmento relativo aos países hispanoparlantes do arquipélago, Adriana Fiuza apresenta alguns dos vínculos estabelecidos entre ficção e história a propósito do *trujillismo*.

As relações com a(s) metrópole(s) (neo)colonial(ais) pautarão também os contrapontos identitários que as migrações fazem eclodir dentro e fora do arquipélago. Tensões que se metaforizam em territórios, discursos, espaços de

poder (colonizado *vs.* colonizador) e conflitos de gênero no romance de Paule Marshall –analisado por Denise Silva– e no de Jean Rhys –sobre o qual reflete Shirley Carreira.

Arquipélago de arquipélagos, o Caribe nos ajuda a refletir sobre as condições históricas do continente. Potência e agência que se explicitam, mais uma vez, nos artigos aqui presentes, centrados na produção do Caribe francófono. As diversas formas de degradação (humana, ecológica etc.) que comporta o estatuto (neo)colonial e o questionamento, como resistência, do tom épico (como impostura) da empresa da colonização, nos romances de Patrick Chamoiseau analisados por Luciana Ambrósio e Keila Costa. Mas também no olhar estranhado (e, muitas vezes, irônico) sobre o próprio, lançado por Dany Laferrière em *Pays sans chapeau*, estudado por Irene de Paula. E especialmente posto em prática, como exercício crítico-teórico, por Henrique de Toledo Groke, ao aproximar, pelo viés das poéticas de escritura, o martinicano Édouard Glissant e o brasileiro Guimarães Rosa.

Por último, na seção “Resenhas”, Carmen Perilli apresenta ao leitor o livro de Graciela Salto, que reúne parte do que de melhor e mais recentemente vem se escrevendo, no sul do continente, a propósito do Caribe e da América Central. Mais uma prova do potencial para a reflexão que irradia das “memórias vulcânicas” da área ciclônica do continente.

Esperamos com este número dos *Cadernos de Letras*, que intitulamos **América Central e Caribe: múltiplos olhares**, contribuir para o conhecimento de um espaço normalmente negligenciado nos estudos regionais produzidos no Brasil. Esperamos também ilustrar a assertiva da chamada ao número, quando dissemos que o Caribe e a América Central constituem, pela diversidade de suas experiências sociais, culturais e históricas, compartilhadas e concentradas em uma área geograficamente integrada, e pela sua inserção igualmente diferenciada no mundo contemporâneo, espaços inevitáveis de reflexão em torno da modernidade na América Latina.

Viviana Gelado
Ana Isabel Guimarães Borges
Organizadoras